
Instabilidades nas definições do gênero jornalístico: formatos híbridos e recombinações criativas como caminhos para a revalorização da notícia¹

Mirian Meliani Nunes²

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP

RESUMO

Sabemos que o impacto de enunciados de desinformação compartilhados nas redes digitais durante o período de pandemia da Covid-19 e no bojo das eleições presidenciais de 2022 no Brasil gerou fortes efeitos à percepção de grupos locais em relação à ciência e ao jornalismo, em um movimento articulado de descredibilização dessas áreas. Este artigo parte da premissa de que a propagação de desinformação continua presente nas redes e que a adoção de processos criativos estruturados na composição de diferentes formatos jornalísticos é especialmente útil para fazer frente aos ambientes de alta circulação de conteúdos falsos. A partir de tal proposição, torna-se relevante compreender até que ponto o jornalismo ainda se mantém preso a categorias universais e a delimitações excessivamente cristalizadas dos formatos clássicos de conteúdo informativo, refletindo sobre a efetividade da comunicação com localidades periféricas.

PALAVRAS-CHAVE: combate à desinformação; processos criativos; jornalismo periférico.

INTRODUÇÃO

O campo da comunicação, especialmente na área do Jornalismo, sofre com o avanço da desinformação em diferentes ambientes midiáticos e várias frentes vêm sendo desenhadas para responder a tal cenário, ainda desafiador. Nesse sentido, o estudo abordado neste artigo partiu originalmente da necessidade de identificar espaços em que conteúdos falsos permanecem circulando, propagando negacionismos e, em consequência, promovendo a descredibilização do jornalismo e da notícia.

Como objetivo, ainda em desenvolvimento, pretende contribuir com a aplicação de processos criativos em etapas de produção de conteúdos noticiosos capazes de repovoar o imaginário de localidades em relação ao jornalismo e à informação de qualidade.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa Gêneros Jornalísticos do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Pós-doutoranda em Comunicação Digital no Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP, bolsista PDJ do CNPq. Pesquisadora do COM+ ECAUSP e do InterLab CCM21 PUCSP. Email: mimeliani@gmail.com

Toma-se como premissa a constatação de que as reinvenções do fazer jornalístico acontecem nas bordas da comunicação institucionalizada, muitas vezes em jogos de recombinação e hibridismos. Para retratar o seu dia a dia, uma parcela significativa de comunicadores profissionais ou amadores, em suas múltiplas particularidades, dominam a techné e ocupam os espaços das redes digitais.

Eles criam suas próprias fórmulas para se constituir como singularidades isoladas ou participantes de grupos (NUNES, 2014). Nesse fluxo de dinâmicas comunicacionais, jogamos atenção, neste momento, às questões relacionadas ao gênero jornalístico informativo e ao formato clássico da notícia.

Percebe-se que, após um crescimento global no consumo da notícia durante o período de pandemia da Covid 19, há uma inversão desse comportamento no Brasil, com o recuo do período mais crítico de emergência de Saúde Pública. Segundo os dados divulgados pelo Digital News Report 2023³, o consumo de notícias caiu consistentemente em todos os tipos de mídia, diminuindo até mesmo no ambiente online, de 83% em 2022 para 79% em 2023.

Esse panorama indica uma situação preocupante não apenas para o mercado jornalístico e seus profissionais, mas também para o conjunto da sociedade, uma vez que os níveis anteriores de desinformação já se traduziam em situações de insegurança política, violência contra jornalistas e diminuição da confiança em políticas públicas de saúde e vacinação, por exemplo.

Segundo o relatório The State of the World's Children 2023: For Every Child, Vaccination⁴, organizado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), 2,4 milhões de crianças brasileiras não foram devidamente imunizadas pela vacina DTP, que previne contra difteria, tétano e coqueluche, entre 2019 e 2021. Globalmente, trata-se do maior retrocesso contínuo na imunização infantil em 30 anos. Além disso, as crianças que não estão recebendo vacinas vivem nas comunidades mais pobres, remotas e vulneráveis. Nos domicílios mais pobres, uma em cada cinco crianças não recebeu nenhuma vacina, enquanto nos mais ricos apenas uma em 20. O relatório identificou ainda que crianças não vacinadas vivem frequentemente em comunidades de difícil acesso, tais como zonas rurais ou favelas urbanas.

³ Dados disponíveis em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2023/brazil> . Acesso em jul. 2023.

⁴ Dados disponíveis em: <https://www.unicef.org/reports/state-worlds-children-2023> . Acesso em jul. 2023.

TRIANGULAÇÃO METODOLÓGICA

Diante desse quadro, para obter respostas consistentes, partimos da proposta de uma triangulação metodológica, combinando em fases sucessivas diferentes instrumentos de coleta de dados quantitativos e qualitativos, por meio de questionário estruturado, observação, falas recolhidas em entrevistas e grupos de discussão (FÍGARO, 2014).

O corpus do levantamento inicial reúne projetos de jornalismo hiperlocal baseados em regiões periféricas da cidade de São Paulo, identificando necessidades e estratégias de combate a conteúdos falsos e de desinformação.

A análise dos dados procura alinhar uma fundamentação epistemológica baseada no estudo de fenômenos complexos (MORIN, 2011), acompanhada do uso, em etapas sequenciais, de processos cartográficos de mapeamentos (LEÃO, 2018, p. 221) e registro de processos criativos (SALLES, 2013) adotados em projetos de jornalismo locais. Ao final, pretende-se realizar o registro e organização formal do processo e seus resultados em plataforma digital adequada, facilitando o livre acesso.

Visualizamos as redes digitais como cenário privilegiado para compreender não apenas os modos atuais de se comunicar, incluindo as trocas e construções de relatos de notícias, mas também os espaços de cultura em que as relações sociais se estabelecem, em uma trama indissociável com os territórios políticos, históricos e geográficos de quem ali transita.

A análise de redes sociais, por exemplo, tem provado ser um instrumento particularmente apto para a compreensão de uma sociedade que se encontra cada vez mais estruturada como uma rede e que utiliza novas ferramentas de rede, e já era utilizada por antropologistas e sociólogos há décadas, sem que isso implicasse a necessidade de reduzir as relações sociais a causalidades simples. Mesmo nas humanidades, as abordagens computacionais têm aberto caminho e, enquanto as “humanidades digitais” eram um campo relativamente marginal no final do século XX, muitos agora as consideram parte essencial do conhecimento humanístico contemporâneo. (HALAVAIS, in: FRAGOSO, 2011, p. 15)

Nesse sentido, parece fundamental mapear elementos capazes de oferecer caminhos (sempre múltiplos) para a atuação de membros das comunidades e também dos estudantes de jornalismo, multiplicando os registros dos processos em uma interface universidade-comunidade.

Para esse intento, lançamos mão dos métodos desenvolvidos por Scolari (2018), em que ele parte da classificação de “produção transmídia” para a aplicação de uma “alfabetização transmidiática”, com foco no *redesign* de interfaces. Para o professor da Universidade Pompeu-Fabra, em Barcelona, é necessário reconhecer as habilidades e competências desenvolvidas pelas novas gerações nas vivências diretas das culturas colaborativas.

Tais habilidades e competências envolvem, por exemplo, o saber preparar fotos no Instagram, adicionar legendas criativas, desenhar webstories, escrever e compartilhar uma *fanfiction*, fazer um meme etc. Para o autor, a interface deve ser compreendida como uma rede de atores tecnológicos e humanos que interatuam e mantêm relações individuais e/ou institucionais.

PRODUÇÃO CRIATIVA PARA SE CONTRAPOR À DESINFORMAÇÃO

Como aponta Santos (2022), “conhecer os processos de produção jornalística é uma das competências para a literacia em jornalismo” e, portanto, estratégia no combate à desinformação. Porém, a autora destaca que uma separação binária excessivamente excludente entre conteúdo opinativo e informativo pode gerar ainda mais ruído no processo de desambiguação.

Tal constatação é especialmente relevante diante da percepção de que o movimento e a impermanência estão no centro da práxis comunicacional em ambientes digitais em rede. Sabemos que os aparatos e espaços sociotécnicos são responsáveis por sucessivas recombinações criativas, tanto nos aspectos textuais quanto imagéticos, respondendo a necessidades específicas do processo comunicacional.

Dessa forma, a estrutura de produção dos formatos tradicionais associados aos gêneros jornalísticos informativo e opinativo (ASSIS; MELO, 2016) é constantemente modificada. Lembramos que Assis e Melo destacam a definição original, concebida pelo linguista russo Mikhail Bakhtin (1895-1975), sobre o modo como os gêneros são compostos por formatos “relativamente estáveis de expressões linguísticas desenvolvidas em situações comunicacionais específicas, que se refletem na forma, no conteúdo e na estrutura” (BAKHTIN, In: ASSIS; MELO, 2016).

É importante perceber que a classificação “relativamente estável” não é utilizada em vão por Bakhtin, que vai lançar mão dos conceitos de dialogismo e polifonia,

resgatados por Lucia Santaella, ao fazer a sua associação aos modos e usos comunicativos nas Redes Sociais Digitais (RSD): “[...] a dialogia fica clara quando o usuário publica uma mensagem e esta desencadeia reações discursivas nos participantes. A polifonia é a forma suprema do dialogismo, pois se define pela convivência e pela interação, em um mesmo espaço, de uma multiplicidade de vozes” (SANTAELLA, 2014).

Por mais que o cenário em que tal reflexão foi produzida tenha sido alterado em período mais recente pela predominância de uma lógica centralizadora da interação plataformizada, podemos afirmar ainda que as RSD são um campo potencial para a construção de enunciados individuais, de grupos e coletivos, gerando também a resistência à grande narrativa predominante, customizada a partir de algoritmos e da construção de bolhas de isolamento (PARISER, 2012).

Inseridos nesse contexto, os formatos jornalísticos ganham composições inovadoras e, frequentemente, com estruturas de linguagem capazes de embaralhar as fronteiras formais. Em meio a um ambiente em que o alto volume de conteúdos falsos, descontextualizados ou manipulados (WARDLE; DERAKHSHAN, 2018) circula livremente, a adoção de estratégias para revitalizar o potencial de interação com públicos específicos torna-se prioridade.

Por outro lado, é perceptível também o aumento da perseguição e violência contra jornalistas em âmbito nacional (RAMOS; SAAD, 2020), em ações coordenadas que ganham “escala, volume e velocidade” e que eventualmente procuram descredibilizar não apenas a notícia, mas também os profissionais da área e seu papel curador em relação aos fatos.

Como apontam as autoras, existe a necessidade de debater o impacto do comportamento algorítmico “na construção de uma opinião pública que associa jornalistas, veículos jornalísticos e respectivas produções a um contexto cultural de deslegitimação da profissão, à produção de desinformação e à criação de bolhas sociais polarizadas” (RAMOS; SAAD, 2020).

Ainda que uma nova circunstância política se desenhe após as eleições de 2022, é necessário perceber o quanto os discursos anteriores seguem fortes em ambientes dominados por desinformação, principalmente em localidades que já sofrem com vulnerabilidades sociais.

Assim, aprofundaremos ao longo das próximas etapas de pesquisa o conceito de “insegurança da informação”, derivado da “desordem informacional” (WARDLE;

DERAKHSHAN, 2018), quando os contratos comunicacionais não parecem claros para os atores envolvidos e as consequências podem gerar instabilidades políticas, pouca aderência aos interesses não-privados e esvaziamento do debate na esfera pública.

Segundo Rancière (2009; 2018), o campo da política é mediado por discursos que operam a meio caminho entre o “desentendimento” e a “partilha do sensível”. Nesse sentido, nossa hipótese é que os processos criativos são instrumentos potentes e capazes de acionar rearranjos de signos, construindo tais “espaços de partilha” mesmo nos ambientes inóspitos das grandes plataformas digitais.

Em resposta aos arranjos algorítmicos sistematizados (SAAD, 2012), outras recombinações emergem, expressando decisões criativas de resistência, em uma dinâmica de esclarecimento. Pretendendo ou não, muitas vozes contribuem para a reinvenção do fazer informativo, atravessado pelos algoritmos, pelo mercado da desinformação e pelos sistemas inteligentes controlados por grandes corporações transnacionais.

Sob o recorte dos processos de propagação da informação jornalística, para se contrapor ao *gatekeeper* algorítmico controlado pelas Big Techs, tal como apontado por Berners-Lee (2018), figura a possibilidade de uma curadoria algorítmica re-mediada por ativistas, blogueiros, jornalistas ou comunicadores (SAAD; BERTOCHI, 2012).

É dentro dessa lógica que abordamos a produção criativa desenvolvida por comunidades e localidades que procuram fugir da imposição dos algoritmos controlados por empresas como Meta (Facebook/Instagram/Whatsapp), Alphabet (Google), Amazon e outras.

Como vimos, as localidades periféricas sofrem forte impacto dos conteúdos de desinformação e possuem, em geral, menos recursos para a busca de processos de re-mediação convencionais. Nas dinâmicas em que a exposição ao campo semântico dos discursos de ódio se constitui como um abalo dos laços constituídos em redes, com conteúdos de perseguição religiosa, ataques racistas, negacionismo, criminalização das regiões periféricas das grandes cidades e xenofobia, entre outros, como se dá a recomposição de uma resistência político-afetiva?

Em levantamento prévio, realizado por meio de aplicação de questionário estruturado digital distribuído a lideranças de projetos de jornalismo local, pudemos observar alguns dados exploratórios iniciais capazes de apontar que: 1) As ações desenvolvidas localmente exibem forte potencial criativo justamente pela proximidade e diálogo com seu público final. Destacam-se simultaneamente em termos de linguagem

verbal, visual e sonora (SANTAELLA, 2001); 2) Há espaço para a construção de um campo comum em que a partilha do sensível se torna não apenas viável, mas fluida. A (re)mediação se dá não por processos impositivos, mas no campo do espaço comum partilhado e negociado; 3) O repovoamento do imaginário baseado em uma comunicação horizontal, não-hierárquica e praticante de uma escuta generativa é capaz de fazer frente à desinformação, em contextos específicos; 4) O mapeamento e registro dos processos criativos aprofunda essas experiências, ajudando a dar perenidade e capilaridade às ações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os projetos mais estruturados, de localidades bem organizadas do ponto de vista da comunicação, já fazem uso de estratégias criativas de aproximação e reconhecimento da comunidade, cada qual desenvolvendo seus próprios métodos. É assim que o mapeamento das ações sai em busca dessa “arte ou maneira de fazer” (CERTEAU, 2012, p. 42), demonstrando as brechas em que as habilidades adquiridas no uso das tecnologias digitais na comunicação (SCOLARI, 2018) já estão sendo aplicadas para fazer frente aos processos de algoritmização.

Se por um lado o alcance é sempre restrito e não substitui, de forma alguma, as medidas necessárias para uma política macro, por outro, a ação localizada cumpre papel imprescindível ao apontar caminhos originais, baseados em espaços de afeto e reconstrução.

É nesse espaço de concepção de um campo comum para a “partilha do sensível” que estaria a oportunidade de “ficcional”, no sentido de elaborar enunciados capazes de reverberar nas subjetividades, individuais, mas conectadas indissolavelmente ao coletivo. O eco do pertencimento movimenta os sentidos e captura a atenção, algo não tão comum ao campo das aplicabilidades em jornalismo, uma vez que as rotinas profissionais industriais e as análises amarradas a concepções funcionalistas pressionam pela padronização do formato notícia como produto consolidado.

Faz-se necessário, em nosso entendimento, ampliar tais sentidos e perceber como os formatos forjados na necessidade da produção criativa de dados relevantes são capazes de contribuir no combate à desinformação, trazendo vida e movimento ao enunciado informativo e ultrapassando as limitações impostas por categorias universais que não dão conta de toda a teia de subjetividades e coletividades presentes em metrópoles desiguais como a cidade de São Paulo.

REFERÊNCIAS

ALAMI, Sophie; DESJEUX, Dominique; GARABUAU-MOUSSAOUI, Isabelle. **Métodos qualitativos**. São Paulo: Editora Vozes, 2010.

ANDERSON, Chris; BELL Emily; SHIRKY, Clay. Post-Industrial Journalism: Adapting to Present. Tow Center for Digital Journalism at Columbia Journalism School **In:** <https://towcenter.gitbooks.io/post-industrial-journalism/content/> . Acesso realizado em 30/07/2017.

ASSIS, Francisco; MELO, José Marques de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom – RBCC**. São Paulo, v.39, n.1, p.39-56, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/interc/v39n1/1809-5844-interc-39-1-0039.pdf> . Acesso em 05 maio 2022.

BERNERS-LEE, Tim. The web can be weaponised – and we can't count on big tech to stop it. **The Guardian**, 12 mar. 2018. Disponível em <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2018/mar/12/tim-berners-lee-web-weapon-regulation-open-letter>>. Acesso em: abr. 2023.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano. 1 Artes de fazer**. Edição 19. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

FÍGARO, Roseli. A triangulação metodológica em pesquisas sobre a Comunicação no mundo do trabalho. **Revista Fronteiras. Estudos Midiáticos**. V. 16, N. 2, Maio/Agosto 2014. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2014.162.06> . Acesso em abr. 2023.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011. 239 p.

GALLOWAY, Alexander R.. **Protocol: how control exists after decentralization**. Cambridge: MIT, 2004.

JOHNSON, S. B. “The Pothole Paradox”. In: [stevenberlinjohnson.com](http://www.stevenberlinjohnson.com), novembro de 2007. Disponível em: <http://www.stevenberlinjohnson.com/the-pothole-paradox.html>. Acesso realizado em 30/05/2015.

LEÃO, Lucia. O diálogo, o desenho e o texto: reflexões sobre a pesquisa em processos de criação. **17º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia**, 2018. ISSN: 2238-0272. Conteúdo disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/779/o/28-Lucia_Leao.pdf . Acesso realizado em 20 ago. 2022.

_____. (Org.). **Processos do Imaginário**. São Paulo: Kepos, 2016.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Ofício de cartógrafo**. Travesías latinoamericanas de comunicación en la cultura. Santiago: Fondo de Cultura Económica, 2002.

MORIN, Edgar. **O método 4**. As ideias: habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre: Sulina, 2011.

_____. Da necessidade do pensamento complexo. In: MARTINS, F. M.; MACHADO, Juremir (Org.). **Para navegar no século 21**: tecnologias do imaginário e da cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2003.

NUNES, Mirian A. Meliani. **Dinâmicas Comunicacionais nas redes sociais digitais**: traduções de realidades locais nos discursos midiáticos. 2014. 156 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – PEPGCoS – PUC/SP. São Paulo, 2014.

PARISER, Eli. **A bolha da filtragem**: o que a internet está escondendo de você. São Paulo: Zahar, 2012.

POELL, Thomas; DIJCK, José van. Social media and journalistic independence. In: BENNET, James; STRANGE, Niki. **Media Independence: Working with Freedom or Working for Free?** London: Routledge, 2014. p. 182-201.

POSETTI, Julie; MATHEWS, Alice. **A short guide to the history of ‘fake news’ and disinformation**. Washington: ICFJ, 2018.

RAMOS, Daniela Osvald; SAAD, Elizabeth. Violência digital contra jornalistas: o caso das eleições presidenciais de 2018. In: **Anais do 29º Encontro Anual Da Compós, 2020**, Campo Grande. Campinas, 2020. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2020/trabalhos/violencia-digital-contrajornalistas-o-caso-das-eleicoes-presidenciais-de-2018?lang=pt-br>>. Acesso em: 11 abr. 2023.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. Trad. Mônica Costa Neto. São Paulo: Editora 34, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento**: política e filosofia. Trad. Angela Leite Lopes. São Paulo: Editora 34, 2018.

SAAD, Elizabeth (Org.). **Curadoria digital e o campo da comunicação**. São Paulo: ECA USP, 2012.

_____; BERTOCCHI, D. O Algoritmo curador. O papel do comunicador num cenário de curadoria algorítmica de informação. In: CORREA, Elizabeth N. Saad (Org.). **Curadoria digital e o campo da comunicação**. São Paulo: ECA USP, 2012.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado**: processo de criação artística. 6 ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

SANTAELLA, Lucia. Gêneros discursivos híbridos na era da hipermídia. **Bakhtiniana**, São Paulo, 9 (2): 206-216, Ago./Dez. 2014.

_____. **Matrizes da linguagem e pensamento**: sonora, visual, verbal. São Paulo: Iluminuras/Fapesp, 2001.

SANTOS, Marli dos. Opinião e informação não são excludentes: reflexões sobre gêneros jornalísticos, newsliteracy e desinformação no projeto Vaza, Falsiane! In: **Anais do**

Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UFPB – 5 a 9/9/2022. Disponível em:

<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0720202222031162d8a5cfab8c0>

. Acesso em 22 abr. 2023.

SÁ, F. P. de. . **Carlos A. Scolari**: ecologia dos meios de comunicação, alfabetização transmídia e redesign das interfaces. *MATRIZES*, 12(3), 129-139. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i3p129-139>. Acesso em 22 abr. 2023.

SCOLARI, C. A. **Literacia Transmedia na Nova Ecologia Mediática**. Livro Branco do Projeto Transmedia Literacy, 2018. Disponível em: <<http://bit.ly/2EFRt1Y>>. Acesso em: 22 abr. 2023.

SILVEIRA, Sergio Amadeu; MARQUES, Angela; COSTA, Caio Túlio e col. **Esfera Pública, Redes e Jornalismo**. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Houssein. **Information Disorder**. Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Strasbourg: Council of Europe, 2018.